

O 1.º DE DEZEMBRO

164

A data do 1.º de Dezembro anda em nossos corações de portugueses como das maiores e mais simpáticas de quantas brilham gloriosas no céu engalanado da nossa História. Compreende-se. Nesta madrugada fria de Dezembro, não foi apenas uma batalha que se venceu nem uma cidade que se conquistou. Foi a Pátria que se ergueu da humilhação, e se levantou de novo, com alvêz, diante dos povos livres do mundo, para retomar a sua gloriosa tradição.

Sendo de todos os portugueses, o 1.º de Dezembro é, no entanto, de maneira especial, a festa da mocidade, dessa generosa que sente vibrar a alma toda perante um acto de tamanha decisão e heroísmo como o foi o dos conjurados de 1640. Ela compreende como ninguém a sedução da audácia, a volúpia do risco, a atracção da temeridade. Por isso se entusiasma aos acordes do Hino da Restauração, porque aos seus olhos ainda transparentes, o arrojado feito tem brilho maior.

E foi sempre assim. A mocidade é a força da Pátria, a esperança do seu destino. Não temendo a ousadia, não se conforma com a «prudência» dos mais velhos, com a «segurança» em que desejam viver os mais sensatos. Em todas as gerações, há sempre um abismo que separa uns dos outros. E à medida que a mocidade passa para cada geração, outro abismo se abre. Os novos não se conformam, nem se adaptam. A hora é sempre deles.

Por isso mesmo, em todos os tempos, o 1.º de Dezembro foi a festa da Juventude. Há neste fenómeno qualquer coisa de profundamente humano que nós, os mais velhos, não queremos compreender. Os nossos olhos perderam a limpidez, e com ela perderam a fé. Desculpamo-nos, arrogando-nos o monopólio do bom senso, a sabedoria da experiência, o conhecimento das mil complicações da vida. Mas, por isso mesmo, deixamo-nos conduzir pelo cansaço das desilusões, não nos guiamos com decisão pelas exigências do progresso. Somos os homens da «tradição», das glórias de passado. Não somos, por via de regra, os construtores do futuro.

Será por isso que a mocidade se afasta de nós? Será por isso que o 1.º de Dezembro se limita a uma comemoração do que foi, sem pretender ser início e fermento do que há-de ser?

Nós temos receio das complicações que a audácia dos novos nos traz para a vida. E esse medo impele-nos a conter os novos nos quadros da nossa vida, sem que os deixemos livremente pensar, agir, renovar, construir. Com este medo criamos muita vez nos novos um espírito de velhice, a maior desgraça que pode acontecer a uma Pátria.

O primeiro de Dezembro deveria ser para nós ocasião de meditar na força criadora da Juventude, e na força de inércia da velhice. Cada uma destas forças arrasta a Nação, mas nem sempre estabelece nela o equilíbrio, por culpa dos novos, julgam os velhos por culpa dos velhos, julgam os novos.

Quere-nos parecer que a culpa principal é dos velhos porque, sendo a força da inércia, do *statu quo*, da permanência, contraria a força da própria História que deseja renovar-se.

Os novos têm sempre alguma coisa a lucrar com a experiência dos velhos. Mas aí dos novos que se deixam guiar inteiramente por eles. Perdem as ilusões, e sem ilusões não há espírito criador, nem ousadia, nem heroicidade. Muito mais têm a ganhar os velhos no contacto com os novos. O saber, a experiência, a segurança tornam-se então forças poderosas de renascimento, porque a tradição não permanece o norte principal das suas vidas, mas sim o futuro sempre maior da nossa História. Os velhos deixam então de servir-se para passarem a servir, precisamente como todos os novos a quem nós não envenenamos ainda o espírito nem arrancamos a esperança com os nossos prudentíssimos conselhos.

Que a festa do 1.º de Dezembro sirva então para reconciliar o espírito de velhice com o espírito de juventude. Assim daremos à Pátria mais alguma coisa do que uma brilhante comemoração.

ABEL VARZIM.

ABEL VARZIM
ENVOLVIMENTO
E SOLIDARIEDADE

os direitos
adados

JN

1/XII/1926